

Jornal da

SPPA

Órgão oficial da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
Filiada à International Psychoanalytical Association desde 1963

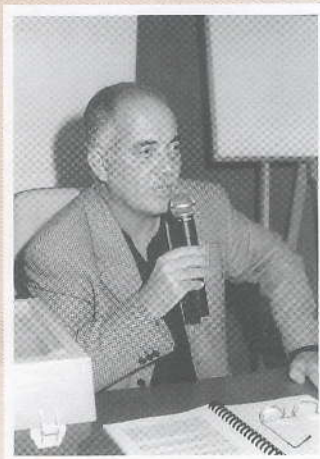
ANO 5 ■ Nº 15 ■ AGOSTO/2001 ■ Porto Alegre ■ RS

SPPA sedia o Encontro Brasileiro de Difusão da Psicanálise



Gley Pacheco Costa, Ana Maria Azevedo, Paulo Fonseca, Wilson Amendoeira, Cláudio Eizirik e Plínio Montagna no Encontro Brasileiro de Difusão da Psicanálise (da esq. para dir.). Página 10

SPPA e APA promoveram Encontro em Buenos Aires ♦ Leia na página 3



Rômulo Lander

Entrevista

Bárbara Heliadora fala de Shakespeare e de seu caso de amor com a humanidade

♦ Página 4

Curso Rômulo Lander

“Com Lacan e depois de Lacan”

♦ Página 3



Bárbara Heliadora

Luis Kancyper e a Psicanálise de Crianças e Adolescentes

♦ Página central

Editorial

Variados são os assuntos sobre os quais tecer considerações para o presente editorial. E isso me atendo apenas a comentar os últimos três meses. Evidentemente, sobre cada um seria possível uma aproximação detalhada, na medida que todos constituem temas de relevância e, com todo direito, podem ser considerados como expressivos da vitalidade de nossa Sociedade. Mas escolho fazer o assinalamento de alguns deles, de início fazendo o registro de que, como presidente da SPPA, sinto-me muito satisfeito pois vários deles evidenciam resultados de um trabalho continuado, de parte de uma equipe afinada, como é a da atual diretoria. Vamos lá.

No final de abril, ocorreu em nossa sede a introdução do cinema, dando início auspicioso ao Ciclo Freud e Shakespeare no Cinema. Aberto ao público em geral, o referido ciclo consta da apresentação em nosso auditório, uma vez por mês, de nove filmes baseados em obras shakesperianas, seguidas de debates nos quais participam um psicanalista da SPPA e um convidado, representante da cultura. O Ciclo vem evoluindo com sucesso, o que é atestado pelo progressivo interesse despertado no público.

Em maio, a Sociedade sediou o 3º Simpósio Anual de Psicanálise de Crianças e Adolescentes, tendo como convidado e conferencista o dr. Luis Kancyper, da APA. No mesmo mês, também em nossa sede, foi realizado, em conjunto com a co-irmã Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, o 1º Encontro Nacional de Difusão da Psicanálise, sob auspícios da APB, com a presença de sua diretoria e dos presidentes das diversas sociedades e grupos de estudo de psicanálise brasileiros. Já na mesa de abertura dos trabalhos, que vieram a se mostrar reconhecidamente produtivos, coube-me o privilégio e a satisfação de informar aos presentes a recém chegada notícia de que o dr. Cláudio Laks Eizirik, membro efetivo da SPPA, fora eleito para o honroso cargo de um dos três vice-presidentes da IPA para a América

Latina. O colega Cláudio havia sido indicado como candidato único do Brasil, com o apoio unânime de todas as Sociedades vinculadas à ABP, cujos presidentes se encontravam, coincidentemente, em nossa sede. No momento em que redijo o presente editorial ele já terá sido empossado no seu prestigioso e desafiador posto, por ocasião do Congresso Psicanalítico Internacional, em Nice. A ele enviamos os melhores votos de sucesso em sua gestão como representante, agora, das instituições psicanalíticas da América Latina. E com o reiterado reconhecimento de que, para tanto, possui plenas condições.

Logo após, ainda em maio, estive em nossa Sociedade para ministrar um curso de introdução às idéias de Lacan, um convidado que nos é muito próximo, o dr. Rómulo Lander. Suas aulas foram acompanhadas com a maior atenção e interesse, fatos que justificaram o convite que lhe foi feito para um breve retorno à SPPA.

No mês de junho, realizou-se em Buenos Aires o gratificante 1º Encontro APA/SPPA, acertado desde setembro de 2000, e que lançou bases sólidas para que futuros encontros científicos venham a ocorrer. Nesses termos, o próximo está agendado para maio/junho de 2003, a ser realizado em nossa Sociedade e com o tema "O Manejo Atual da Transferência no Setting Analítico". Os colegas que compareceram ao encontro são enfáticos em registrar tanto o alto nível científico dos aportes e das discussões, como o nível de afetividade e de carinho que a todos envolveu, constituindo-se em uma experiência importante.

Devido ao espaço de que disponho, fico por aqui. As tratativas realizadas com a Bienal do Mercosul, bem como com a Feira do Livro de Porto Alegre serão temas para futuros comentários. Até lá, seguimos trabalhando.

Paulo Fonseca

SPPA e APA promoveram Encontro

A Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre e a APA promoveram em conjunto, nos dias 22 e 23 de junho, o I Encontro APA/SPPA que teve como tema central “As Intervenções do Analista Hoje”. O evento reuniu cerca de 50 membros e candidatos, entre eles Madeleine Baranger e Mónica Siedmann de Armesto. Esta primeira edição foi organizada e realizada pela APA em Buenos Aires, com a colaboração do presidente da SPPA, Paulo Fonseca, e do secretário científico da instituição, Antônio Carlos J. Pires. Participaram da organização desta atividade, pela APA, Andrés Rascovsky (Secretário Científico), Norberto Marucco, Celia Katz de Eskenazi, Libertad B. Berkowicz, José Fischbein, Ana Delia Levin de Said, Eva Ponce de León de Masvernat e Mario Alberto Smulever. A comitiva brasileira contou ainda com Cláudio Laks Eizirik, Ida Gus, Juarez Guedes Cruz, Luiz Ernesto Pellanda, Marlene Silveira Araújo e Mauro Gus. O próximo encontro será promovido pela SPPA em Porto Alegre durante o mês de maio de 2003 e terá como tema “O manejo atual da transferência no setting analítico”.

Abertura

A solenidade de abertura contou

com as saudações dos presidentes das duas entidades, Abel Mario Fainstein e Paulo Fonseca. Ambos destacaram o Encontro como um marco que define uma nova etapa nas trocas científicas entre os membros das duas instituições. Foi em Buenos Aires na APA que, há 50 anos, os pioneiros da SPPA fizeram sua formação.

As intervenções do analista hoje

O tema central do encontro, “As Intervenções do Analista Hoje”, foi focado por Andrés Rascovsky e Cláudio Eizirik que apresentaram um relatório técnico sobre a questão.

Rascovsky defendeu a idéia de que as intervenções do analista hoje estão sendo modificadas em função de dois fatores: a ampliação das indicações de psicanálise para pacientes fronteirizos e as pressões econômicas que impossibilitam as condições ideais de frequência das sessões analíticas. Cláudio Laks Eizirik dividiu sua apresentação em três etapas. Na primeira, falou sobre as mudanças ocorridas na práxis dos analistas da SPPA, no período de 1963 até 1995, a partir de pesquisa realizada por um grupo de estudos da instituição.

Na segunda parte de seu relato, tratou da evolução da sua prática como analista e, ao final, comentou que a ex-

periência analítica hoje propõe um desafio: “necessitamos saber mais em relação a nós mesmos, nossos pacientes e a respeito daquilo que se modifica dentro deles e dentro de nós, analistas, sem perder de vista a cultura em que estamos inseridos”.

Casos clínicos

Os trabalhos no segundo dia do Encontro foram abertos com a apresentação de um caso clínico feita por Juarez Guedes Cruz, seguida pela discussão em pequenos grupos, tendo por base os aportes técnicos da noite anterior. Os presentes, que destacaram a qualidade do material apresentado pela manhã, assistiram à tarde uma apresentação também destacada de um caso clínico pela psicóloga Alejandra Marucco.

Encerramento

Na sessão de encerramento, na noite do dia 23 de junho, Norberto Marucco, pela APA, e Antonio Carlos J. Pires, pela SPPA, destacaram o clima de afetividade que marcou todo o evento e o alto nível em que se deram os debates científicos. Os presentes deixaram alinhavada a realização de um próximo encontro em Porto Alegre e depois foram recepcionados pela APA em um jantar de confraternização.

Rómulo Lander

Rómulo Lander, professor titular com funções didáticas no Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Caracas e especialista em Lacan, esteve em visita à SPPA entre os dias 21 e 24 de maio. O psicanalista venezuelano palestrou sobre o tema “Com Lacan e depois de Lacan” e chamou a atenção pela disponibilidade para o debate científico, não-ideológico, de idéias consideradas

ainda pouco discutidas em nossa entidade.

O domínio do conhecimento, a capacidade didática e a atitude receptiva ao debate das idéias de Lacan criaram um interesse especial entre os assíduos ouvintes das conferências de Rómulo Lander, um público formado basicamente por colegas da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre e da SBPdePA.

Fizeram parte do evento realizado na SPPA duas supervisões coletivas em que a discussão científica foi oportunizada, em primeiro lugar, pela disponibilidade das colegas Magali Fischer e Patrícia Lago – que apresentaram o material clínico – e pela maneira acolhedora, não-dogmática, clara e convicta com que o professor Lander propôs seu enfoque sobre as análises em andamento.

“Shakespeare passou a vida tendo um grande caso de amor com a humanidade”

A crítica literária e tradutora Bárbara Heliodora participou, juntamente com o dr. Paulo Fonseca, do Ciclo de Debates “Freud e Shakespeare no Cinema”, promovido pela SPPA no dia 13 de julho, dissertando sobre a versão de Kenneth Branagh para “Otelo”. Nesta entrevista ao Jornal da SPPA, Bárbara Heliodora fala um pouco mais do célebre autor inglês e de seu entendimento da natureza humana. O ciclo tem sessões mensais até dezembro.

A que se deve, no seu entender, a revitalização do teatro e o surgimento de um expoente da literatura, dramaturgo, poeta e ator do calibre de Shakespeare durante a era elisabetana, no final do século 16?

O teatro, na Inglaterra, já tinha uma história de uns trezentos anos; se na Itália e na França o peso dos teóricos da Renascença fez com que fossem abandonadas as raízes medievais, na Espanha e na Inglaterra não houve esse tipo de ruptura, e os autores puderam aproveitar o melhor dos dois mundos. O teatro medieval era singelo e popular, e o segredo dos elisabetanos foi o de aprenderem a usar as qualidades formais e literárias

que redescobriam com a dramaturgia romana de Plauto, Terêncio e Sêneca, com a vida intensa da ação que a ingenuidade das formas populares tradicionais nunca tiveram medo de pôr no palco. Mas não podemos esquecer que o século 16 foi um século de descobertas, e o teatro era o melhor, ou o único, veículo para o grosso da população tomar contato com todos aqueles mares nunca dantes navegados e os fascinantes países desconhecidos que eles banhavam... O catalisador de todo esse processo foi a poesia e Shakespeare é apenas a mais perfeita cristalização de um universo amplo e criativo.

Como a senhora entende o fato de Shakespeare ser sempre atual?

O que costumamos dizer é que Shakespeare passou a vida tendo um grande caso de amor com a humanidade, e seu insight junto com seu amor e sua compaixão o fizeram enxergar para além da superfície e identificar matrizes de comportamentos humanos que continuam válidos por todos os tempos: as roupas e as convenções momentâneas podem ter mudado, mas o ser humano, ao que parece, continua sempre o mesmo...

Qual a influência de Shakespeare para um melhor entendimento da natureza humana?

O que interessava a Shakespeare era o

potencial humano, e é sua isenção (se é que uma isenção pode ser apaixonada) que o faz captar todas as manifestações desse potencial, para o bem ou para o mal, como normais, isto é, como manifestações naturais da espécie: todo tipo de sentimento ou aspiração parece ter sido para Shakespeare motivo de interesse, e seus personagens são sempre multifacetados, porque assim são os seres humanos.

O que a senhora conhece da biografia de Shakespeare que possa ter contribuído para que tenha se tornado o inventor do humano’, como disse o crítico Harold Bloom?

Na biografia dele, é claro que seu talento e seus poderes de observação. Bloom ressalta a capacidade de self-awareness, que permite ao personagem evoluir internamente – é isso que ele nega aos protagonistas de obras anteriores a Shakespeare.

De que forma a sua aproximação com a psicanálise influenciou seu entendimento do texto shakespeariano?

A minha aproximação tem sido com psicanalistas e não com a psicanálise em si. Os diálogos resultantes têm sido sempre enriquecedores, mesmo que o meu ponto de partida para o estudo de Shakespeare continue sempre a ser o teatral, o dramático.

Programação do Ciclo continua

Próximos debates

■ 14 de setembro – sexta-feira, 18h30

Filme: Henrique V

(versão com Kenneth Branagh)

Coordenador: Carlos Garí Faria

Debatedores: Paulo Bittencourt Soares e Sandra Pêsavento

■ 19 de outubro – sexta-feira, 18h30

Filme: Sonho de uma Noite de Verão

(versão com Kevin Kline)

Coordenador: Sérgio Lewcovicz

Debatedores: Raul Hartke e Lya Luft

■ 23 de novembro – sexta-feira, 18h30

Filme: Muito Barulho por Nada

(versão com Kenneth Branagh)

Coordenador: Sérgio de Paula Ramos

Debatedores: Paulo H. Favalli e Donaldo Schüller

■ 7 de dezembro – sexta-feira, 18h30

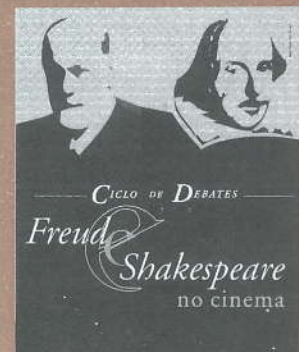
Filme: Romeu e Julieta

(versão dirigida por Franco Zeffirelli)

Coordenador: Paulo Fonseca

Debatedores: Flávio Rotta Corrêa e Regina

Zilberman.



Instituto

Tempo de integração

A formação psicanalítica tem sido tema de intensa discussão nos vários âmbitos em que é pertinente realizá-la. Há uma preocupação em modernizá-la, adequá-la à realidade atual e, acima de tudo, cuidar para que se realize num ambiente de integração e harmonia.

Nesse sentido, há uma tendência, seja na FEPAL, seja na própria IPA, de modificações na maneira como vem sendo realizados os congressos e as discussões referentes ao ensino da psicanálise. Se congruar significa unir, harmonizar, várias sugestões de mudanças que estão surgindo vêm ao encontro desse conceito.

Durante o encontro dos presidentes de sociedades psicanalíticas latino-americanas e de representantes da Casa dos Delegados realizado em Montevideu há poucas semanas, por exemplo, surgiu uma sugestão de que nos próximos congressos da FEPAL fossem abolidos os pré-congressos didáticos, que tradicionalmente antecedem os eventos.

A idéia é debater os assuntos de ensino e formação psicanalítica durante o próprio congresso, em seu bojo, num espaço aberto a didatas e candidatas. De certo modo, é a efetivação de um conceito que está permeando o Instituto: formam-se melhores analistas se sua formação ocorrer num ambiente harmônico, em que as relações de ensino sejam de natureza criativa e respeitosa.

Graduados do Instituto

Passaram à condição de Graduadas do Instituto a psicóloga Maria Luiza Oliveira, na reunião da CE do dia 19 de abril, a psicóloga Maria Regina Limeira Ortiz, na do dia 17 de maio, e doutora Rosane Poziomczyk na reunião do dia 12 de julho.

Aspirantes à formação psicanalítica

Gladis Eliane Carnieletto passou a integrar a lista de aspirante para formação no Instituto.

Encontro de Diretores de Instituto

Com o tema "Ventajas y desventajas de la simultaneidad del análisis de forma-

ción con supervisión", foi realizado no dia 27 de julho, em Nice, o Encontro de Diretores de Instituto.

Trabalho visando os títulos de psicanalista e de membro Associado

A CE aprovou e recomendou ao CTA a homologação dos trabalhos das psicólogas Maria Luiza Oliveira (apresentado em 2 de agosto), Maria Regina L. Ortiz (a ser apresentado em 13 de setembro) e Mery P. Wolff (a ser apresentado em 9 de outubro, excepcionalmente uma terça-feira).

Jornada de Psicanálise da SPPel

Luiz Carlos Mabilde participou como convidado especial da Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel) da 1ª Jornada Aberta de Psicanálise da SPPel. A jornada foi realizada nos dias 6 e 7 de julho e teve como tema oficial os "Resultados do Tratamento Psicanalítico". Mabilde apresentou uma conferência intitulada "Teoria dos Resultados Psicanalíticos" e participou de um painel, com o trabalho "Dos procedimentos à teoria da cura psicanalítica".

Candidatos

Associação dos Candidatos da SPPA elege nova diretoria e divulga calendário de reuniões

Os candidatos da SPPA elegeram a sua nova diretoria, reunidos em assembléia geral no dia 21 de junho. Além de pretender dar prosseguimento ao trabalho da administração anterior, a nova direção inicia sua gestão com a formação de departamentos, tendo em vista a criação de áreas específicas de trabalho.

A nova diretoria busca, dessa forma, atender aos interesses expressados pelos candidatos da SPPA. Relacionamos a seguir a nominata da equipe, bem como o calendário das reuniões.

Presidente: Anna Luiza Kauffmann

Secretária: Kátia Radke

Tesoureira: Maria Cristina Vasconcelos

Conselho de Representantes:

ABC: Maria Regina Ortiz

Ocal: Eneida Suarez

IPSO: Maurício Marx e Silva

Egressos e Graduados: Flávio de Oliveira e Souza

Infância e Adolescência: Leonor Brandão

Primeiro ano: Adriana Rispoli

Segundo ano: Carlos Krieger

Terceiro ano: Bety Brunstein

Quarto ano: Léa Lubianca Thormann

Departamentos:

Dep. Científico: Eleonora Spinelli, Luisa

Amaral e Maurício Marx e Silva

Dep. Social: Jane Knijnik e Liliana Soibelman

Dep. Pesquisa: Luís Guilherme Streb, Laura

Mayer e Maria Cristina Vasconcellos

Dep. Normas: Alida Fuhrmeister, Anna Luiza

Kauffmann, David Bergmann, Kátia Radke e

Maria Clélia Menegat

Dep. Informática: Carlos Salgado e Jorge

Almeida

Dep. Infância e Adolescência: Eliane

Goldstein e Paulo Soroka

Calendário de reuniões

09 de agosto;

27 de setembro;

18 de outubro;

22 de novembro;

13 de dezembro.

As reuniões ocorrem na sede da SPPA, sempre às 20h30min.

Luis Kancyper:

“As atuais mudanças sociais exacerbam uma cultura narcisista da imagem, da velocidade e do aumento de todo tipo de consumo”.

O médico, psicanalista e membro didata da APA, Luis Kancyper, autor do livro “Confrontação de Gerações”, proferiu em maio três conferências durante o III Simpósio Anual da Comissão de Psicanálise da Infância e Adolescência da SPPA. O Jornal aproveitou a presença de Kancyper para ouvi-lo sobre questões importantes da psicanálise de crianças e adolescentes na entrevista que reproduzimos a seguir.

O senhor poderia nos dar uma idéia de sua trajetória pessoal, de sua formação e das principais influências que recebeu na psicanálise?

Graduei-me em medicina há 35 anos, em Buenos Aires. Passei, imediatamente, a dedicar-me ao estudo e à prática da psicanálise com crianças e adolescentes no serviço de Psicopatologia de Lanús. A dra. Aurora Perez era a coordenadora do departamento de crianças e, desde então, já se questionava o enquadre clássico da análise de crianças, tendo-se começado a inovar estratégias terapêuticas incluindo os pais.

Após vários anos ingressei na APA. Meus analistas, professores e supervisores transmitiram-me com fervor que, desde seus primórdios, a psicanálise foi conquistadora, iconoclasta, e não iconofílica e submetida; que a continuação do autêntico legado da psicanálise requer coragem e rigor, e que a escrita de um texto analítico é, essencialmente, um exercício de liberdade que se opõe à repetição inexorável de um destino de sofrimento pré-fixado.

As principais influências teóricas na minha formação consistiram no estudo sistemático e profundo da obra de Freud, Melanie Klein, Winnicott e Lacan. O permanente intercâmbio que mantive, semanalmente, e ainda mantenho com Willy e Madeleine Baranger representa um capítulo à parte. Com eles cotejei e continuo confrontando minhas idéias e escritos psicanalíticos.

Outra fonte importante que nutre minha escrita e prática psicanalítica vem do estudo e aporte dos mitos bíblicos e gregos, por um lado, e pela relação entre literatura e psicanálise, por outro. Considero que a literatura traz algo imprevisto e ajuda a amadurecer o instrumento analítico, além de enriquecer, por sua singularidade, as possibilidades de escuta e de compreensão.

O que o levou a trazer novos aportes à metapsicologia existente na psicanálise? O que mudou no seu entender?

Dr. Kancyper – Nossa prática psicanalítica atual nos impulsiona a situar-nos em uma perspectiva temporal, que nos leva a um olhar em dupla face: por um lado, questionando conquistas e troços da psicanálise até o presente e, por outro, os próxi-

mos passos a seguir. Com isto, em conjunto com outras disciplinas, podemos exercitar a dimensão transformadora da psicanálise na clínica, na cultura e na sociedade. Por isto, considero que cada analista deveria revisar a composição do próprio patrimônio das teorias metapsicológicas que condiciona sua práxis, e em que medida sua clínica atual responde ou não à leitura metapsicológica vigente. A metapsicologia vigente dá conta, suficientemente, das novas manifestações da subjetividade ou os sintomas atuais têm sido sintomas de sempre e não requerem novas metapsicologias? Há fenômenos atuais que são os sintomas de sempre, assim como há fenômenos atuais que não o são e que requerem uma compreensão metapsicológica e clínica a ser desenvolvida. Dentro dos fenômenos atuais que tem sido sintomas de sempre, temos o alarmante crescimento da drogadição e dos transtornos da alimentação. É eloqüente o quanto as atuais mudanças sociais exacerbam uma cultura narcisista da imagem, da velocidade e do aumento de todo tipo de consumo. E todos conhecemos a necessidade de encontrar, a partir da nossa metapsicologia, novas respostas a estes fenômenos cruciais.

Considero que estas provocações e desafios que a pós-modernidade nos traz, com suas mudanças vertiginosas, além dos afetos positivos ou negativos que cada um lhe outorga, envolve também ao analista que, imerso nesta mesma cultura do desencanto, se acha exposto à diluição de sua convicção psicanalítica e à banalização dos fundamentos metapsicológicos e técnicos. A partir deste vértice, aponto em direção a “novas metapsicologias”: (a) a ampliação da configuração edípica; sua articulação com a dinâmica narcisista, transgeracional e com o complexo fraterno na situação analítica e (b) a importância da confrontação generacional e fraterna como campo dinâmico.

Sabemos que o senhor considera a confrontação fraterna independente da confrontação parental. Como o senhor a situa no corpo da teoria psicanalítica?

A importância do ato da confrontação generacional e fraterna para a formação e manutenção da construção da identidade individual e social impôs-se a partir da minha experiência clíni-

ca nos últimos anos. Recordemos que na novela familiar dos neuróticos Freud sustenta que “no indivíduo que cresce, seu afastamento da autoridade parental é uma das operações mais necessárias, mas também mais dolorosas do desenvolvimento. É absolutamente necessário que se cumpra, e é lícito supor que todo homem que se torna normal o alcançou em certa medida. Mais ainda, o progresso da sociedade se apóia, todo ele, nessa oposição entre ambas gerações”. A confrontação propriamente dita, e não a provocação nem sua desmentida, operou em mim algo como um ponto de partida para repensar, a partir da metapsicologia clínica, a análise de crianças, adolescentes e adultos. Também me possibilitou um ganho em entendimento, de complexidade crescente, permitindo aprofundar o estudo dos vínculos que se entrelaçam entre pais e filhos, entre irmãos, no casal e na estrutura familiar. Porque a confrontação generacional e fraterna salvaguarda uma estrutura de alteridade e de reciprocidade, possibilita o desenvolvimento e a transformação da vida subjetiva e previne o sujeito de eventuais alienações.

É preciso ressaltar que o complexo fraterno não é a mera consequência, nem a ramificação do complexo de Édipo. Tem sua própria especificidade estrutural e se relaciona fundamentalmente com o complexo do semelhante. As confrontações edípica e fraterna não são opostas. Apresentam diferentes lógicas e, ao esclarecer as respectivas especificidades e detectar suas articulações, permite obter um entendimento abrangente e ao mesmo tempo mais preciso do interminável processo de construção da identidade.

Como o senhor situa a intervenção com os pais dentro da psicanálise de crianças e adolescentes?

A análise de crianças e adolescentes sustenta-se sobre os preceitos fundamentais que constituem o método psicanalítico. Mas apresenta uma particularidade no âmbito da configuração da situação analítica entre o analisando e o analista, em função da intervenção dos pais. Esta particularidade é inerente à condição de dependência emocional, econômica e social estabelecida entre o filho e os progenitores e não pode ser reduzida estruturalmente à situação analítica da psicanálise de adultos. Os pais exercem uma presença contínua no horizonte do campo analítico e configuram com o analisando e o analista uma estrutura singular, que promove funções e efeitos próprios no analisando e também no analista. Através do trabalho analítico, o analista ressignifica a própria criança ou adolescente dentro de si, na relação com os pais de sua história pessoal. Ao mesmo tempo, a relação vincular na dupla analítica (filho-analisando com o analista) ressignifica as situações narcisistas fraternas e edípicas não resolvidas da história individual de cada um dos

progenitores e do par conjugal e exercem, eles mesmos, contínuas reestruturações que, por sua vez, incidem nas vicissitudes do processo analítico do filho.

Considero que no processo analítico com crianças e adolescentes, o analista requer do “uso de um dicionário contra-transferencial ampliado e corrigido”, para esclarecer as situações patológicas e as resistências provenientes dos pais e que incidem nos obstáculos, paralisações e interrupções dos tratamentos. Para isto, requer-se, em cada caso, efetuar um estudo, o mais detalhado possível, das relações narcisistas e das situações traumáticas não processadas pelos pais e deslocadas sobre o filho, gerando identificações alienantes impostas, que continuam exercendo seus efeitos patológicos sobre o analisando, de um modo atual e atuante. Nestes casos considero que o mesmo

analista que trata a criança ou o adolescente requer estabelecer diferentes estratégias terapêuticas para esclarecer as falsas ligações que inconscientemente se tramam entre os pais e filhos e, também, o modo como o próprio analisando participa ativamente na busca inconsciente, assumindo certos traços no processo de apropriação identificatória. Estas diferentes estratégias



Maria Lucrécia Zavaschi, Luis Kancyper, Marlene Silveira Araújo e Paulo Fonseca

se manifestam através de entrevistas dinâmicas com os pais, com ou sem a presença do analisando, segundo cada caso clínico; entrevistas vinculares entre o pai e o filho, ou a mãe e o filho, ou entre irmãos, com a finalidade de elucidar certas situações patológicas. Esta leitura intersubjetiva complementa o estudo da conflitiva intrasubjetiva do processo analítico individual.

Quais perspectivas o senhor vê para a psicanálise da infância e da adolescência neste início de século?

José Saramago declarou que “a globalização do mercado já não está propugnando um pensamento único, senão diretamente o pensamento zero”. Sustento que nestes momentos, a psicanálise é um foco de resistência contra a dissolução do tempo e do espaço globalizados. O pensamento analítico é revulsivo e liberador. Não concordo com os que afirmam que “não existe nada sob o sol”. Oponho-me a esta sentença bíblica do Eclesiastes. A psicanálise de crianças e adolescentes nos interpela, neste início de século, com novas e apaixonantes interrogações. A inclusão dos conceitos: do campo dinâmico ampliado com a participação dos pais, a historização das situações traumáticas não elaboradas e transmitidas através das gerações e a revisão das diferentes transferências e contratransferências na situação analítica podem chegar a esclarecer certas zonas obscuras da alma humana, desafiando cada analista a desenvolver sua criatividade, para encontrar novas respostas às incessantes interrogações suscitadas pelas vertiginosas transformações sociais.

IPA

Cláudio Laks Eizirik será um dos vice-presidentes da IPA

O psicanalista Cláudio Laks Eizirik, membro da SPPA, foi escolhido para uma das três vice-presidências da IPA para a América Latina. Eizirik entende que o cargo é uma grande honra e é a possibilidade de dar continuidade a uma atividade que já desenvolve há cerca de dois anos no Council, como secretário associado para a América Latina. A vantagem do novo cargo é o direito que o vice-presidente possui de voz e voto e a possibilidade de participação em todas as decisões. Preocupado em bem representar o Brasil e a América Latina, o novo vice-presidente quer manter uma comunicação constante com todas as sociedades psicanalíticas da região e encaminhar ao Council uma série de questões que interessam aos psicanalistas latino-americanos.

Para a SPPA a escolha foi também uma distinção e um reconhecimento internacional, já que desde o quadriênio 1975-1979, quando o dr. David Zimmermann ocupou a vice-presidência, a instituição não era representada neste escalão. Além disso, representa a crescente participação de membros da SPPA em diversas instâncias da IPA e da FEPAL.

Eizirik pretende pautar seu trabalho na vice-presidência da IPA a partir das peculiaridades da América Latina, região em que a psicanálise mais cresce no mundo. Para ele é necessário estimular a divulgação da enorme produção científica latino-americana – praticamente desconhecida do

público leitor em idiomas como inglês, francês e alemão – e conquistar um maior reconhecimento para a realidade e vitalidade da psicanálise latino-americana.

Outra questão fundamental, para Cláudio Eizirik, diz respeito à formação analítica. Nesse momento dentro da IPA existem duas visões. Uma, predominante, é a que defende uma formação analítica única, sintetizada numa fórmula homogênea, que deva ser aplicada igualmente em todos os lugares do mundo. E existe uma outra idéia que permite a cada cultura psicanalítica uma certa liberdade de exploração das próprias fórmulas de ensinar a psicanálise. Eizirik concorda com a segunda idéia e crê na importância maior do desenvolvimento das peculiaridades culturais do que uma forma de globalização da formação psicanalítica.

Este embate insere-se, no entanto, em um contexto em que se discute a relação entre centralização e regionalização. É um questionamento que está partindo da FEPAL, da Federação Européia e, em menor intensidade, da Federação Norte-americana, que já possui uma ação mais ou menos independente. Estas são, no entender de Eizirik, as questões principais que vão transitar nos próximos anos, já que um novo equilíbrio terá de ser estabelecido entre o órgão central e as três regiões.

O apelo à descentralização se faz notar também na autonomia cada vez maior das federações. Eizirik

exemplifica citando o caso da FEPAL: “Efetuamos mudanças nos Estatutos, escolhendo um presidente de uma forma diversa daquela sucessão automática que havia anteriormente. Agora elegemos uma diretoria pluri-societária, o que faz parte do esforço de fortalecimento da FEPAL”.

Paralelo a isso, Eizirik registra o empenho da IPA na expansão da psicanálise para alcançar regiões onde ela ainda inexiste, como o leste europeu e diversos países da Ásia. Mesmo aqui, na América Latina, em países como Paraguai, Bolívia, Cuba, Guatemala e Equador, a psicanálise ainda não se estabeleceu e este trabalho deverá ser feito, possivelmente em conjunto com a FEPAL.

O papel da IPA

Os debates em torno de formação psicanalítica e regionalização x globalização não escondem outro questionamento muito presente na IPA atualmente: qual é o papel da instituição? O vice-presidente para a América Latina acredita que a IPA é uma forma de garantir, dentro do possível, padrões elevados de formação, de dar um sentido de unidade ao movimento psicanalítico, é base para organizar congressos e difundir conhecimento científico e serve para estimular o desenvolvimento da teoria e da prática psicanalítica.

Mas, Eizirik detecta um problema na IPA, uma excessiva distância entre a instituição e seus associados. Ele entende que a instituição sofra as conseqüências e ainda padeça de

uma herança problemática que faz com que seja vista como um órgão de fiscalização e cujos antecedentes sugeriram uma instituição hermética, que seguiu de certa forma a idéia de um círculo dos anéis, um círculo associado às atas secretas. Para combater esta visão, Eizirik entende que uma das tarefas da IPA seria a de aumentar o contato com os membros e os candidatos até para que se disseminem melhor as vantagens da associação.

O Conselho

O mandato de vice-presidente de Cláudio Eizirik pontua também um período de grandes mudanças na IPA. O Council é hoje formado por presidente, secretário, tesoureiro, três vice-presidentes, um secretário associado de cada região e três representantes da Casa de Delegados. Nos moldes em que hoje está constituído, o Conselho reúne-se semestralmente e trata de questões diversas como finanças, atividades dos comitês, alterações estatutárias, relações com exterior e formação analítica. Mas esta constituição deverá perdurar somente pelos próximos dois anos.

Uma série de estudos realizados pelo comitê SAM motivaram mudanças radicais na instituição. Com o final do mandato de Eizirik, terminam também o Conselho, a Casa de Delegado e a função de secretários associados. Em seu lugar será formado um grande conselho, com sete representantes de cada região, eleitos pelo voto das regiões e pelo voto universal. E serão eleitos ocupantes para os cargos de presidente, secretário e tesoureiro.

Enquanto essas mudanças não forem colocadas em prática, nosso representante na IPA deverá cumprir as funções da vice-presidência: representar, participar

das discussões, coordenar comitês e trabalhar o contato entre a organização central, a sociedade e as federações.

A vice-presidência

O cargo de vice-presidente não é científico, é um cargo político e representativo. Mas dificilmente alguém chega a esse cargo sem ter apresentado alguma produção científica, ter participado de congressos, de publicações, ou sem ter alguma pretensão de mudar alguma coisa cientificamente, esclarece Cláudio Eizirik, para quem o cargo dá a possibilidade de reflexão e influência.

Para as reuniões do Council cada participante leva a experiência de sua região. A partir daí há uma tentativa de construção de críticas, recomendações, sugestões para os institutos, para as sociedades que estimulam a produtividade e o desenvolvimento científico. Ou seja, a discussão é feita a partir da experiência científica de cada um, de sua sociedade ou de sua região, o que de alguma maneira, entende Eizirik, vai redundar em benefício para os membros.

O vice-presidente da IPA não teme que o cargo possa interferir em seu trabalho como analista. “Se observarmos as pessoas que participam desta vida”, diz Cláudio Eizirik, “entre elas estão os que mais publicam, os que mais apresentam trabalhos e os que mais produzem cientificamente”. Segundo ele, a questão é que existem habilidades específicas. Algumas pessoas exercem com mais facilidade um cargo representativo, de exposição, de manifestação de idéias e de posições e vão naturalmente sendo convidadas ou eleitas para exercer estes cargos. O grau de interferência na atividade analítica direta depende

do grau de envolvimento que cada um se permite, garante.

Para Eizirik, há alguns analistas que participam da vida institucional e que às vezes são chamados de “políticos”. A atividade institucional por vezes é olhada com um certo desprezo, admite, “como se fosse uma atividade menor, envolvida por ambições pessoais ou por uma propensão não muito analítica”. Alguns chegam até a abandonar progressivamente a atividade analítica ou reduzem drasticamente sua atuação. Ele acredita que esta questão depende de cada indivíduo e do quanto cada um se vê como analista e como representante. No seu caso particular, a atividade básica é de analista clínico e ele pretende mantê-la plenamente.

A vice-presidência da IPA exige a presença em apenas duas reuniões fixas, uma na metade do ano e a outra no final do segundo semestre. O restante do trabalho pode ser feito através de e-mail. As demais atividades, que exigem viagens, são normalmente de outra ordem, na maioria das vezes convites para apresentar trabalhos e participar de congressos.

Assim, Eizirik pensa não ser necessário diminuir seu ritmo de trabalho na atividade clínica ou de supervisão. “Reduzi minhas atividades na universidade, mas me sinto a vontade e com certa responsabilidade social, até porque existe uma tradição na minha família, ligada à vida societária. Também tenho uma certa consciência social que agora está concentrada na psicanálise. É uma forma de tentar retribuir o que recebi da psicanálise, trabalhando pela instituições analíticas”, complementa o vice-presidente da IPA.

Geral

I Encontro Brasileiro de Difusão da Psicanálise

O I Encontro Brasileiro de Difusão da Psicanálise foi realizado nos dias 18 e 9 de maio na sede da SPPA, numa promoção da ABP, com apoio do Comitê de Psicanálise e Sociedade da IPA e organizado pelas três sociedades psicanalíticas do Rio Grande do Sul filiadas à IPA. Além de membros dessas instituições, participaram dos debates presidentes e delegados das entidades federadas da ABP e integrantes de seu conselho diretor. A presença de diferentes representantes de instituições brasileiras propiciou o conhecimento do que vem sendo desenvolvido em diversas sociedades, além de importante troca de idéias e sugestões relativas ao assunto.

Os trabalhos foram desenvolvidos a partir da formação de três grupos de discussão sobre o tema: Núcleos de Difusão da Psicanálise; Clínicas Sociais; e Intercâmbio com os Meios Acadêmico e Cultural. Os respectivos relatórios foram posteriormente apresentados e debatidos em plenário.

A crise que a psicanálise vem enfrentando mundialmente nos últimos anos, provavelmente como consequência de sua reclusão ao âmbito dos consultórios, está propiciando o reconhecimento geral da necessidade de resgatar sua inserção na cultura e comunidade. Neste sentido, entre outras questões, foram destacados no encontro: a necessidade de apoio a colegas interessados em implantar núcleos de estu-

dos psicanalíticos no interior de diferentes estados brasileiros; a importância da divulgação de como se processa a formação e de sua vinculação à IPA; a importância de divulgação da produção de trabalhos psicanalíticos e comunicação de eventos na comunidade, promovida pelas respectivas sociedades; a necessidade da busca de uma comunicação eficaz na transmissão das idéias psicanalíticas à comunidade, através de uma linguagem acessível e anti-hermética; a necessidade de criação de centros para promoção de eventos psicanalíticos vinculados à cultura e que tragam a comunidade para dentro das sociedades; a importância da criação de núcleos de estudos nas universidades onde não existem sociedades psicanalíticas; de convivência e interlocução com outras áreas da ciência; de incremento de uma política permanente de difusão da psicanálise, através de órgãos institucionalizados e reconhecidos; de ocupação de espaços nas universidades; e a importância do atendimento de pacientes em serviços organizados por diferentes sociedades.

Diversas dessas propostas já vêm sendo desenvolvidas pelas diferentes instituições presentes ao evento. Mas houve um consenso entre os participantes de que há necessidade de ampliação e criação de novos projetos, o que possivelmente será facilitado pelo grande intercâmbio gerado pelo encontro.

Relatório das atividades do CEPSC (abril a julho de 2001)

♦ Em abril tomou posse a nova diretoria, assim constituída: Mabel Franco Pinto (presidente), Gládis Elaine Carneletto (secretária) e Antônio Carlos de Mattos Roxo (tesoureiro).

♦ O Curso de Formação em Psicoterapia Psicanalítica contou com seminários de teoria, técnica e psicopatologia, coordenados por Ruggero Levy e Paulo Henrique Favalli.

♦ O Grupo de Estudos Continuidos, coordenado por Paulo Favalli, estudou os seguintes temas neste primeiro semestre: A Subjetividade e a Objetividade do Analista (Owen Renik), Processo de Constituição de Signifi-

cado na Vida Mental: Afeto e Imagem Pictográfica (Rocha Barros) e os capítulos 6, 7 e 8 do livro "As Certezas Perdidas da Psicanálise" (Stefânia Manfredi).

♦ O Grupo de Supervisores, coordenado por Ruggero Levy, destina-se a discutir as diretrizes do curso de formação e das supervisões individuais e obrigatórias aos alunos do curso.

♦ A palestra inaugural do Grupo de Observação Relação Mãe-Bebê - Método Esther Bick ocorrerá em 11 de agosto e contará com a participação de Nara Caron, da SPPA.

SPPA prestigiada no 1º Fórum de Psicoterapia Dinâmica em Campo Grande (MS)

O IPD (Instituto de Psicoterapia Dinâmica) de Campo Grande realizou em maio o seu 1º Fórum de Psicoterapia de Orientação Analítica e contou com a presença de Romualdo Romanowski e Jair Escobar, convidados especiais do evento. Romanowski proferiu a palestra de abertura cujo tema foi "A emergência da psicanálise e da psicoterapia psicanalítica" e Jair Escobar falou sobre "A formação do psicoterapeuta de orientação analítica".

Especialização/aperfeiçoamento em psicoterapia de orientação analítica

A Câmara de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) aprovou em maio o projeto que transforma em curso de especialização/aperfeiçoamento o Curso de Extensão em Psicoterapia de Orientação Analítica. Os alunos que iniciaram seminários em 2001 e que concluírem os dois anos de curso, já receberão o "Certificado de Especialista em Psicoterapia de Orientação Analítica".

XIV Congresso Brasileiro de Alcoolismo, Tabagismo e outras Dependências

Gramado irá sediar, entre 19 e 23 de setembro, no Hotel Serrano, o XIV Congresso Brasileiro de Alcoolismo, Tabagismo e outras Dependências. O congresso é uma promoção da Associação Brasileira de Estudos do Alcool e outras Drogas (ABEAD) e será presidido pelo colega Sérgio de Paula Ramos.

Notícias da Revista

A Revista de Psicanálise da SPPA promove conjuntamente com a Feira do Livro de Porto Alegre o IV Ciclo de Debates da revista. Deverão ser realizadas duas mesas-redondas que terão como tema dois grandes poetas brasileiros: Carlos Drummond de Andrade e Mário Quintana. Ambos serão homenageados pela Feira com uma escultura que será instalada na Praça da Alfândega.

Para a ocasião, será publicada uma edição especial da Revista cujo tema principal será Literatura e Psicanálise, estando aberta a recepção de trabalhos sobre este tema para publicação.

A SPPA participará também de várias outras atividades paralelas da Feira, como colóquios que contarão com psicanalistas na discussão de vários temas interessantes.

Internacional

Bogotá: segunda visita do Liasion Committee da IPA

Os doutores Romualdo Romanowski e Juan Francisco Jórdan desenvolveram de 28 a 30 de junho mais uma etapa do trabalho que objetiva o reconhecimento da Associação Psicanalítica Colombiana (APC) como sociedade componente da IPA.

Na oportunidade foram realizadas reuniões administrativas (relatórios das atividades desenvolvidas desde a última visita, adequação dos estatutos, confecção de manual de procedimentos etc.)

e várias atividades científicas.

Houve debates de trabalhos sobre a teoria, técnica e clínica do processo de terminação de uma análise. Além disso, foram realizadas reuniões e supervisões com os candidatos, bem como supervisão de uma supervisão e supervisões para os membros.

O bom nível científico e administrativo que a APC vem mantendo, faz prever seu provável reconhecimento no Congresso da IPA que será realizado no Canadá.

COWAP

Os preparativos para o III Diálogo Intergeracional estão em ritmo intenso através da Comissão organizadora composta por Marlene Silveira Araujo (Coordenadora), Cláudio Eizirik, Mauro Gus, Paulo Fonseca, Antônio Carlos Pires, Ida Ioschpe Gus, Ana Rosa Trachtenberg e Bruno Salésio Francisco. Brevemente serão distribuídos os programas que serão desenvolvidos durante o encontro a ser realizado nos dias 2 e 3 de maio de 2002, na sede da AMRIGS.

Comissões

Crianças e Adolescentes

SPPA

A comissão reuniu-se em 27 de junho para avaliação das atividades do primeiro semestre e planejamento do próximo. Além das atividades científicas, como reuniões das quintas-feiras e as discussões clínicas das quartas já previstas, estamos contatando com alguns possíveis convidados para um final de semana de estudos e supervisões em data que será confirmada brevemente.

Para o encontro da ApdeBA, em agosto próximo, contamos com três trabalhos que serão apresentados. Para este intercâmbio científico vários colegas já estão inscritos e novas inscrições estão sendo aguardadas.

FEPAL

A Comissão de Crianças e Adolescentes da FEPAL está em plena atividade, coordenada pela Dra. Liliane Pualuon do Chile. Para compor a comi-

são organizadora do congresso da infância e adolescência que se realizará ano que vem em Montevideu foi convidada a Dra. Marlene S. Araújo, juntamente com colegas do Peru, México, Venezuela e Argentina.

Brevemente serão divulgados os planos para o programa das atividades ligadas à Infância e Adolescência, que pretende incluir vários colegas que trabalham na área.



Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Filiada à Associação Psicanalítica Internacional (IPA), desde 1963, e à Associação Brasileira de Psicanálise

Expediente

Presidente: Paulo Fonseca
Secretário: Gerson Isac Berlim
Secretário Científico: Antonio Carlos J. Pires
Tesoureiro: Raul Hartke
Conselheiros: Carlos Gari Faria e Isaac Pechansky
Diretor do Instituto: Luiz Carlos Mabilde
Secretário do Instituto: Ruggero Levy

Subcomissões do Instituto

Subcomissão de Docência: Luiz Carlos Mabilde, Cláudio L. Eizirik, Paulo Fonseca, Romualdo Romanowski
Subcomissão de Seleção, Avaliação e Promoção: Luiz Carlos Mabilde, Carlos Gari Faria, Germano Vollmer Filho, Gerson Isac Berlim, Juarez Guedes Cruz.
Subcomissão de Formação de Analistas de Crianças e Adolescentes: Luiz Carlos Mabilde, Marlene Silveira Araujo, Nara Amália Caron, Rute Stein Maltz
Subcomissão de Pesquisa: Luiz Carlos Mabilde, Cláudio Laks Eizirik, David E. Zimerman, Paulo Fernando Bittencourt Soares, Roberto Gomes
Subcomissão de Programa: Luiz Carlos Mabilde, Mauro Gus, Roaldo Machado
Subcomissão de Eventos e Divulgação: Luiz Carlos Mabilde, Flávio Rotta Corrêa, Joel Araújo Nogueira,

Raul Hartke, Ruggero Levy
Centro de Avaliação e Encaminhamento Psicanalítico:
Sérgio Lewkowicz

Programa do CEPSC

Coordenador: Raul Hartke
Revista de Psicanálise
Editor: José Carlos Calich
Co-Editor: Jussara S. Dal Zot
Comissão de Redação: Anette Blaya Luz, Carmem Emília Keidann, César Luis de Souza Brito, Luisa Maria R. Amaral, Magali Fischer, Patrícia Lago, Paulo Henrique Favalli, Paulo Oscar Teitelbaum, Paulo Seganfredo, Viviane Sprinz Mondrack

Comissão Científica

Coordenador: Antonio Carlos J. Pires
Edgar Diefenthaler, Jacó Zaslavski, Jair Rodrigues Escobar, Lúcia Thaler, Luiz Ernesto Pellanda, Manuel Pires dos Santos, Sérgio Lewkowicz
Comissão Editorial do Jornal
Coordenador: Gisha Brodacz
Aldo Duarte, Alice B. Lewkowicz, David Bergmann, Mery P. Wolff, Rose Eliane Starosta
Comissão de Memória
Coordenador: Rudyard Emerson Sordi
Ingeborg Magda Bornholdt, Inúbia Duarte, Jair Knijnik, Karem Cainelli, Luís Guilherme Streb, Margareth Lourdes Dallagnol, Margareth Silveira Campos, Raquel Eizerik
Comissão de Psicanálise e Sociedade
Coordenador: Ida Gus
Beatriz Chwartzmann, Edgar Chagas Diefenthaler, Fulgêncio-Blaya Perez Neto, Gustavo A. da P. Soares, Lúcia Thaler, Mazłowa Maris Heck, Rosane Schermann Poziomczyk, Suzana Fortes e Tula Bisol Brum
Comissão de Biblioteca
Coordenador: Roberto Gomes

Aida Dornelles de Oliveira, Angela Plass, Margareth Lourdes Dallagnol, Mônica Nodari Borges, Vivian Perez Day

Comissão de Informatização

Coordenador: Sérgio de Paula Ramos
Ivan Fetter, Luiz Ernesto Pellanda e Mônica Nodari Borges
Editoria da Homepage
Editor: Ivan Fetter

Comissão de Psicanálise da Infância e Adolescência

Coordenadora: Marlene Silveira Araujo
Ingeborg M. Bornholdt, Margareth Silveira Campos, Maria Geraldina Viçosa, Maria Lucrécia Zavaschi, Mery P. Wolff
Secretaria Executiva da SPPA: Maria Conceição Sampaio
Secretaria Executiva do Instituto: Neila T. Barcelos Manassero
Secretaria Executiva da Revista: Irma Angela Manassero
Auxiliar de Secretaria: Elisa Ema Werdan
Técnico Contador: Jorge Luiz Salati
Bibliotecária: Mônica Nodari Borges
Auxiliar de Biblioteca: Margareth Lourdes Dallagnol
Auxiliar de Serviços Gerais: Giovana Paixão

Comissão Editorial: Gisha Brodacz (Coordenadora), Aldo Duarte, Alice Lewkowicz, David bergmann, Mery Wolff, Rose Eliane Starosta
Secretária: Margareth L. Dallagnol
Planejamento e Execução Gráfica: sergioludtke.jor
Fone: (51) 3312-1292 e-mail: sergio@sergioludtke.jor.br
Jornalista: Sérgio Boeck Lúdtke

Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
Rua Gen. Andrade Neves, 14 conj. 802
CEP: 90010-210 Porto Alegre - RS - Brasil
Telefones: Fax: (51) 3224-3340 (51) 3224-7021
E-mail: sppa@sppa.org.br e sppa@zaz.com.br

Gênio, Arte e angústia: especulações

Certa ocasião, muitos anos atrás, numa conversa social, um artista plástico disse-me que jamais faria tratamento psicanalítico. Achei que seria ótimo ele não precisar de tratamento e viver feliz. Mas não era esse o problema. “O tratamento iria acabar com a minha angústia, e sem angústia eu não seria capaz de produzir”, disse ele. A conversa era informal e ficamos por aí, com todo o respeito pela sua decisão. Era um artista promissor, pelo menos assim julgavam os críticos da época. Mudou-se para longe, junto com suas angústias e sua arte, e nunca passou de um artista promissor. Tinha talento, sem dúvida alguma, mas o que não teria produzido se tivesse dado outra solução as suas angústias?

Dizer que um tratamento psicológico possa interferir na criação artística, de modo a inibir a potencialidade do artista é, acima de tudo, preconceituoso. Falácia que não encontra respaldo na experiência de qualquer terapeuta que se dedique à investigação dos processos mentais inconscientes.

O gênio e o talento são qualidades que vão além do nosso conhecimento lógico; portanto, a criação de um artista nem sempre é fácil de entender. O observador reage com emoções que nunca são coincidentes com as emoções do autor no momento da criação, e me refiro a todas as formas de expressão artística. A resposta do espectador costuma dar-se em um instante, enquanto que o artista, este vive todo um processo de gestação que pode levar horas, dias e até anos. E aí reside uma diferença que não pode ser medida.

Há sempre uma curiosidade sobre o que o autor quer dizer com o seu trabalho, particularmente quando o que vemos foge às regras convencionais a que estamos acostumados. É assim com as artes em geral, que têm o poder de despertar diferentes formas de sentimento. Seja música, poesia, pintura, dança, ou qualquer outra manifestação de arte, todas podem gerar em nós alegria, tristeza, dor, prazer ou rejeição. Talvez o exemplo mais impactante seja o das artes visuais: basta apenas um olhar e a obra afeta definitivamente o espectador. A partir daí se instala uma relação entre ele e a obra, gerando dúvidas e curiosidades que necessariamente apontam para o autor. Na maioria das vezes, não temos acesso ao artista para que ele nos fale sobre o seu produto, dando detalhes sobre composição, forma, texturas, cor. Nada pode ser explicado quanto as suas emoções, quando muito alguma especu-

lação e muita projeção por parte do espectador.

Não há nada de mal neste diálogo mudo diante de uma obra de arte. O problema surge quando se quer “interpretar”, numa tentativa selvagem de descobrir o que se passa na cabeça do artista, sem um mínimo de conhecimento sobre sua vida interior, sua história, seu passado, suas vicissitudes, enfim.

Quando falo em especulação, não estou invalidando com isso todo o valor científico que se pode emprestar a um trabalho desse gênero nas mãos de pessoas qualificadas. É famoso o estudo que o próprio Freud fez sobre o não menos famoso Moisés de Michelangelo. Quando este concluiu a escultura, conta a lenda que num gesto de martelo teria exclamado: “Fala!”. Pois Freud vasculhou tanto esse mesmo Moisés, com tantos mínimos detalhes, que se poderia, metaforicamente, dizer que Moisés quase falou. Quase. Freud falou muito, especulou muito sobre a postura de Moisés, e não menos sobre as intenções de Michelangelo em esculpi-lo daquela maneira. Um verdadeiro trabalho de arte analítica sobre uma grandiosa obra de arte. O encontro com a verdade, contudo, não aconteceu: Freud não falou com Michelangelo. É possível – e aqui faço uma especulação – que se possa ficar sabendo mais sobre o inconsciente de Freud do que sobre o de Michelangelo. Nesta mesma linha de importância situa-se o estudo que Freud fez sobre os conflitos infantis de Leonardo da Vinci, observando Sant’Ana com a Madona e o Menino, no que se valeu de muitos dados biográficos de Michelangelo, particularmente do livro de Merezkhovsky sobre a vida de Leonardo.

Assim como Freud, muitos outros incurSIONARAM pelo que se chama Psicanálise Aplicada, ou seja, a aplicação dos conhecimentos psicanalíticos ao estudo de grandes vultos da história ou de grandes obras artísticas. O cinema e o teatro têm sido fonte de inúmeros trabalhos nessa área.

Não há gênero no mundo das artes que não tenha reproduzido Dom Quixote e Sancho Pança. Até mesmo diagnósticos psiquiátricos foram feitos, tarefa nada difícil, dada a riqueza de detalhes com que as duas personalidades foram descritas. Mas quem, vendo a gravura de Daumier, os desenhos de Doré, a escultura na Praça de Espanha em Madrid, ouvindo o poema sinfônico de Richard Strauss, ou vendo o balé que Nureyev

imortalizou, atreveria-se a pensar no mundo interior de Cervantes, tentando desvendar seus motivos inconscientes para criar tão fantásticas criaturas? Não passaria de mera especulação.

Muito se escreveu sobre a criação artística, e embora sejam poucos os textos freudianos que tratam particularmente de uma teoria psicanalítica da arte, ele desenvolveu algumas idéias que contribuíram para essa compreensão, quando estabeleceu conexões entre sonhos, devaneios e atividade artística. Mas sonhos, devaneios, necessidades infantis não satisfeitas e outras questões do inconsciente são ocorrências universais na espécie humana. Por que uns derivam para a criação artística, qualquer que seja a sua modalidade, e outros não? Por que uns chegam mesmo à genialidade? São perguntas que nem Freud, ele próprio, conseguiu responder.

Uma tentativa de estabelecer condições para ser artista, tais como a angústia, o sofrimento, a privação, enfim, merece algum reparo. Sei, desde logo, que muitos nomes poderão ser lembrados, como Van Gogh, Modigliani, e outros infelizes geniais. Não temos outra saída: o gênio não se explica, mas suas angústias sim. Além do mais, é do conhecimento mais primário que sem angústia não há vida criativa; sem angústia o homem não cresce, não gera, não reproduz. Falo daquela angústia que se faz necessária para que o indivíduo transponha as barreiras do seu próprio desenvolvimento, e não daquela angústia paralisante e empobrecedora, gerada nos caminhos dos conflitos humanos. Não falo da angústia que impõe limites muito aquém das nossas capacidades, passível de estancar a produção de um Rachmaninov, recuperada após um tratamento psicológico: o resultado dessa recuperação foi o Concerto para piano e orquestra n.º 2, sua obra mais importante. Van Gogh e Modigliani produziram obras-primas porque viviam atormentados por suas angústias? Ou deixaram de produzir outras tantas por causa dessas mesmas angústias? Não foi o gênio nem o talento que os levou ao suicídio, evidentemente.

O assunto não se esgota aqui, mesmo porque envolve questões especulativas que nos remetem a áreas do conhecimento humano que transitam do racional ao irracional, indo da verdade científica ao mito da criação do homem. O gênio criador ainda se constitui num desafio que nem o próprio gênio consegue decifrar.